



E AGORA, JOSÉ? DESAFIOS E PERSPECTIVAS NA COORDENAÇÃO DO PIBID-CIÊNCIAS SOCIAIS

Renata Oliveira dos Santos ¹

Fagner Carniel ²

Zuleika de Paula Bueno ³

RESUMO

A poesia de Carlos Drummond de Andrade, marcada por sentimentos de solidão, angústia e incerteza, inspira reflexões profundas sobre o Eu, que não pode ser desassociado de sua prática social. Neste sentido, ela me ajuda a pensar sobre o percurso docente, permeado por desafios, dúvidas e possibilidades de improvisações. O presente relato tem como objetivo refletir sobre as nuances de atuar como coordenadora voluntária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Ciências Sociais. O estudo se baseia em abordagem qualitativa, ancorada em revisão bibliográfica e no viés analítico da aprendizagem situada e a participação periférica legitimada (PPL) proposta por Jean Lave e Etienne Wenger (2022). A análise evidencia que a formação docente não deve ser compreendida como processo individual e solitário, mas sim como construção coletiva, mediada pelo diálogo e pela convivência entre diferentes sujeitos que compõem o ambiente tanto escolar como cotidiano criando uma comunidade de prática formada por: estudantes de licenciatura, coordenadoras/es, supervisoras/es e alunas/os da educação básica. Ao assumir a coordenação do PIBID-Ciências Sociais na Universidade Estadual de Maringá (UEM), tenho compreendido que não existe uma função totalmente estruturada e imutável, ela vai além da gestão de atividades administrativas e se desenvolve como uma atividade situada, em que me torno aprendiz com os demais atores e atrizes que fazem parte desse programa. Tal perspectiva revela que o fazer docente ultrapassa o domínio de técnicas e metodologias, incorporando também afetos, escuta sensível, posicionamentos éticos e compromisso político com a construção de uma educação emancipadora. O PIBID, nesse sentido, se configura como espaço privilegiado para forjar a formação de futuras/os professoras/es, que sejam capazes de relacionar aprendizagem e conhecimento, (re) negociar sentidos e compreender que a intencionalidade está acompanhada de um processo de engajamento pertinente as ações motivadas. A experiência vivida demonstra que a docência é atravessada por incertezas, mas também por encontros e aprendizagens coletivas, capazes de renovar sentidos e reafirmar a potência transformadora das diversas formas de aprender o mundo.

Palavras-chave: Formação Docência; Aprendizagem Situada; PIBID; Ciências Sociais; Educação Emancipadora.

¹ Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, rosantos@uem.br;

² Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, fcarniel@uem.br;

³ Departamento de Ciências Sociais da Universidade Estadual de Maringá - UEM, zpbueno@uem.br;

INTRODUÇÃO



*(...) você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?*
Carlos Drummond de Andrade,
José, 1942⁴.

A poesia “José”, de Carlos Drummond de Andrade (1942), tecida por sentimentos de solidão e angústia diante das incertezas da vida, nos convida a pensar sobre o Eu profundo que habita nossas consciências do mundo e que não pode ser desassociado de nossas práticas sociais. Depois de dezoito anos como professora da rede particular de ensino do Paraná, fui admitida na Universidade Estadual de Maringá (UEM) como docente colaboradora do Departamento de Ciências Sociais. Essa mudança me trouxe não apenas uma nova estrutura de trabalho, mas também desafios inesperados. Entre eles, fazer parte do subprojeto Ciências Sociais, junto ao Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID), talvez tenha sido o mais desafiador.

Ao longo da minha formação e atuação docente, participar, diretamente do processo formativo de futuras/os professoras/es sempre foi um desejo pessoal e profissional. Assim, ainda em 2023, fui convidada para ingressar, como ouvinte, dos encontros de um grupo de pibidianas/os da UEM. Ao longo do ano de 2024, passei a ser inserida nas atividades por meus colegas, participando não apenas de um novo fazer pedagógico, mas apreendendo como se fazia a formação docente efetivamente imersa na educação básica – longe das salas de aula e das disciplinas regulares da licenciatura. No final desse período, acabei tornando uma “coordenadora voluntária” e passei a integrar formalmente o grupo do PIBID de Ciências Sociais da UEM.

Naquele momento, o questionamento drummondiano, “E agora, Renata?”, passou a atravessar meus pensamentos, trazendo à tona dúvidas abstratas e hesitações bastante concretas a respeito da função que deveria desempenhar. Existiria um modelo teórico-pedagógico a ser seguido? Do ponto de vista institucional, havia um regulamento e um projeto geral que abrigava todos os subprojetos da UEM. Coisas como os objetivos gerais, a carga horária mínima dos bolsistas, as atribuições de cada membro da equipe, os critérios de seleção e os procedimentos para o pagamento das bolsas, estavam descritas naquelas páginas que acessei. Do ponto de vista pedagógico, meus colegas haviam formulado e aprovado um

⁴ DRUMMOND, C.A. E, Agora José? 1942. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/09/JOS%C3%89.pdf> Acesso em 10 out.2025.





subprojeto bem fundamentado, com diversas atividades que articulavam ensino, pesquisa e extensão. Tudo o que “deveríamos” fazer junto ao nosso grupo de pibidianas/os e supervisoras/es estava lá, em cinco páginas. Só não estava previsto o que deveríamos fazer diante das coisas imprevisíveis – afinal, seria realmente útil se alguém se dispusesse a escrever um tratado de sociologia do imprevisto? Talvez, o subtítulo tivesse que conter um pouco da ironia implícita nas palavras: “controle” e “segurança ontológica”.

Deixando a brincadeira de lado, aos poucos compreendi que a resposta às minhas angústias e inseguranças como coordenadora voluntária do PIBID de Ciências Sociais se aproximava da afirmação freiriana: “[...] ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou sua construção” (Freire, 2017, p. 24). Essa era uma perspectiva suficientemente tranquilizadora e que tinha a vantagem de dialogar diretamente com a proposta mais geral do PIBID no Brasil. Ainda assim, persistia a inquietação: qual seria, de fato, o meu papel? Essa resposta começou a se delinear quando percebi que o caminho da aprendizagem não seria trilhado de forma solitária, mas construído pela coparticipação dos diversos atores e atrizes que integram esse processo: pibidianas/os, coordenadoras/es, supervisoras/es e alunas/os da educação básica. Afinal, como afirmam Lave e Wenger (2022, p. 15), “a aprendizagem é um processo que ocorre dentro de um quadro de participação e não em uma mente individual”.

A compreensão dos conceitos de “aprendizagem situada” e “participação periférica legitimada” (PPL), desenvolvidos por Jean Lave e Etienne Wenger, iluminou o que antes me parecia velado. Foi a partir desse referencial que passei a enxergar o PIBID de Ciências Sociais não apenas como um espaço de formação docente, mas como um lugar em que essa formação pode ser forjada a partir de uma comunidade de práticas. Nesse contexto, todos os participantes se constituem aprendizes, não em uma estrutura fixa e inflexível, mas em um espaço de ação variável, diverso e aberto à improvisação.

Assim, este relato de experiência tem como objetivo refletir sobre as nuances de atuar como coordenadora voluntária do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) em Ciências Sociais, na Universidade Estadual de Maringá (UEM), evidenciando que a formação docente não deve ser entendida como um processo individual e solitário, mas como uma construção coletiva, mediada pelo diálogo e pela convivência entre diferentes sujeitos. Nesse processo, as posições ocupadas por cada participante perdem rigidez diante da compreensão de que a aprendizagem se sustenta na situacionalidade, no caráter relacional do conhecimento, na (re)negociação de sentidos e na intencionalidade engajada e motivada por ações compartilhadas entre todas/os envolvidas/os no PIBID.



METODOLOGIA



*(...) O presente é tão grande,
não nos afastemos
Não nos afastemos muito,
vamos de mãos dadas (...)*
Carlos Drummond de Andrade,
Mãos dadas, 1940⁵.

Há momentos na trajetória docente em que a teoria silencia as nossas vivências e a prática nos interpela com a crueza do verso de Drummond: “E agora, Renata?”. Essa inquietação, que nasce da dúvida diante da tarefa e da incerteza do caminho, revela que o ofício de ensinar é inseparável da condição humana de ser no mundo junto aos outros que também habitam este mundo. Afinal, antes de qualquer manual, projeto ou regulamento, existe a necessidade de encontrar um modo de estar “entre” as/os aprendizes, de compartilhar suas experiências e considerar que a realidade “é tão grande”. Por isso mesmo, o poema “Mãos Dadas” me ajudou transformar a angústia inicial de ser coordenadora do PIBID de Ciências Sociais da UEM em uma inspiração etnográfica de assumir os contextos de formação docente não apenas como contextos de observação, mas sobretudo como possibilidades concretas de coparticipação e de coaprendizado situado.

Participação observante, essa foi a maneira como consegui definir o tipo de trabalho de campo que pude desenvolver junto ao PIBID de Ciências Sociais enquanto estávamos de “mãos dadas”, indo para as escolas ensinar e aprender como alguém se faz professora. Isso tem me permitido desenvolver o que Malinowski chamou de observação direta, que se realiza por meio da convivência, da capacidade de ver e ouvir o que está sendo feito ou dito, ao participar das conversas, do dia-a-dia escolar (Durham, 1978).

Quanto mais a convivência, as demandas de coordenação, os primeiros encontros se desenvolviam pude perceber que a noção antiga que possuía de aprendizagem, começava a tomar uma outra direção. Seria possível ensinar a ser professor/a? Como fugir das ações teóricas e práticas tão comum na formação em licenciatura, em especial, no estágio supervisionado? O PIBID se apresentava muito mais que um aprendizado estruturado, emergia como uma aprendizagem que ao ser entendida como situada se revela como uma parte contínua da prática. Para Gomes *et al* (2019, p. 118): “As práticas das quais os participantes fazem parte são condições necessárias para aprendizagem”. As autoras se

⁵ DRUMMOND, C.A. Mãos dadas. 1940. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/08/21/maos-dadas-carlos-drummond-de-andrade/> Acesso em: 10 out.2025.



referem a proposta desenvolvida por Jean Lave e Etienne Wenger (2022), de Aprendizagem situada e Participação Periférica Legitimada (PPL) em que se entende a aprendizagem como um processo que se realiza em um quadro de participantes, que ao expressarem suas diferentes perspectivas criam uma comunidade capaz de não somente aprender, mas repensar o que significa de fato aprender, não como algo fixo e imutável. No caso, das/os pibidianas/os situar-se dentro e fora da sala de aula, compartilhar as angústias e alegrias, observar e vivenciar o cotidiano escolar já permitia a elas/es o engajamento em um processo de aprendizagem que não poderia ignorar o espaço que ocupavam, as práticas desenvolvidas e as condições de todo um fazer que era indissociável.

Então, descobri, que não era a minha função ensinar a *se tornar* docente, o movimento deveria ser outro, estar aberta a aprender e perceber como se desenvolve o caminho de *se forjar ser*, sendo parte de uma formação que se estrutura, também, na improvisação, na interação de situações reais, nos fenômenos observados em processos que emergem das necessidades dos contextos sociais. Em uma estrutura existente e porosa que permite ser questionada, construída, desconstruída e modificada quantas vezes for preciso.

A Aprendizagem situada não é apenas um fazer fazendo, é compreender em que situação essa aprendizagem ocorre, a situacionalidade é uma perspectiva teórica que não pode ser separada da compreensão de que o ato de aprender se faz em uma prática social. Essa mudança de olhar sugerida por Lave e Wenger, afirma que a aprendizagem é desenvolvida pelas relações que podem ocorrer a partir da participação dos sujeitos sociais, dos sentidos, intencionalidades e motivações: “[...] a aprendizagem é um elemento integral da prática social geradora de um mundo-vivido” (Lave; Wenger, 2022, p. 30).

Assim, ao me tornar coordenadora voluntária e promover um estranhamento das minhas, possíveis, funções comecei a ter uma dimensão que a aprendizagem para PIBID de Ciências Sociais, se desenvolvia para além de conteúdos programáticos ou práticas pedagógicas rígidas, ia se desvelando na maneira em que caminhava com as/os participantes do programa. Dessa forma, o ato de aprender se revelava em uma participação periférica legitimada, já que não existiria uma centralidade na comunidade que se formava entre pibidianas/os, supervisor/as, coordenador/as. A legitimidade da participação se definia dentro da noção de pertencimento que estas atrizes e atores passaram a ter ao se apropriar do programa, sugerindo, debatendo, propondo ações, dentro de uma comunidade de práticas atuando no/com/sobre o mundo: “... a participação periférica legitimada não é uma forma educacional em si, menos ainda uma estratégia pedagógica ou uma técnica de ensino. É um ponto analítico sobre a aprendizagem” (Lave; Wenger, 2022, p. 35).





Dessa forma, mais do que compreender o aprendizado como um processo restrito ao espaço escolar, a proposta de Lave e Wenger consiste em reconhecê-lo como algo associado às práticas sociais e às situações nas quais estamos inseridos para aprender. Esse processo acontece para além dos muros escolares e acadêmicos. Nesse sentido, o PIBID possibilita o imprevisto de práticas que emergem das necessidades e intencionalidades vivenciadas, e não apenas daquelas previamente projetadas para “ser isto ou aquilo”. A realidade simplesmente é, e é nela que o aprendizado se constrói e se reinventa.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O subprojeto de Ciências Sociais que integra o PIBID-UEM já vem sendo desenvolvido desde 2012. Entretanto, a seleção realizada no final de 2024, para o período 2025-2026, trouxe algumas novidades, como a ampliação do número de bolsistas para 24 estudantes, a escolha de três docentes supervisores/as e a definição de uma equipe de coordenação composta por um coordenador, uma coordenadora e uma coordenadora voluntária.

O processo seletivo contou com 36 inscrições de discentes e 07 de docentes, supervisores/as, dos quais apenas três foram escolhidos/as. Após a divulgação dos resultados, as/os estudantes não selecionados optaram por permanecer como voluntários/os no programa. Assim, juntamente com as/os bolsistas, iniciamos as primeiras apresentações e o processo de integração do grupo. Nossa primeira reunião ocorreu em 12 de dezembro de 2024, em função do calendário acadêmico da UEM, que naquele momento seguia uma proposta alternativa de regulação em decorrência da pandemia de Covid-19. Considerando que o calendário universitário diferia significativamente do calendário escolar, realizamos, já no mês de janeiro de 2025, encontros destinados à apresentação do PIBID–Ciências Sociais e de seus/suas integrantes. Assim como as primeiras conversas com as duas supervisoras e o supervisor docente, como uma primeira ação para conhecermos os colégios que fariam parte do PIBID-Ciências Sociais.

O encontro foi realizado de maneira bem leve e acolhedor e foi naquele momento que eu comecei a entender o que seria ser uma coordenadora voluntária. A experiência de ter vivenciado, em 2023-2024, como ouvinte das reuniões do grupo, já me possibilitava dimensionar como seria minha função, já que o coordenador e a coordenadora do programa sempre estiveram presente nas atividades e com um formato de trabalho que transformava a atmosfera do PIBID em algo muito diferente das formações acadêmicas, de licenciatura, da





graduação em Ciências Sociais. Ainda naquele período, pude perceber que as atividades ali desenvolvidas nasciam de maneira espontânea, por meio de muito diálogo, trocas, impressões pessoais e relatos de quem já estava no cotidiano escolar. O estranhamento que me ocorreu foi devido ao fato que ao longo dos meus 18 anos de sala de aula, em instituições de ensino particulares, tudo sempre precisou ser documentado, com ações pré-definidas, em calendários rígidos e imutáveis. Sempre soube que ao iniciar um trabalho, ele teria, começo, meio e fim.

Naquele momento, comecei a aprender que a formação docente vai além de “coisas a serem entregues”, relatório de desempenho e eficácia, e que ela poderia ser forjada, no sentido de dar origem a partir do nada, Campoy (2021) relata que ao entendermos mais sobre a chamada pedagogia pobre (Masschelein, 2008) somos convidados a lidar com a potencialidade do vulnerável, ou seja, de estar aberto e atento ao mundo, sendo atravessado, o interpelando e atuando com ele e, ressalta que: “Estar atento, portanto, não é manter a experiência exclusivamente atrelada as emoções, mas, antes, notar, em que movimento a um só tempo sensório, emocional, intelectual e prático, as diferenças que o mundo oferece” (Campoy, 2021, p.10).

Dessa maneira, os encontros de janeiro de 2025 foram realizados com muito diálogo e escuta ativa entre os envolvidos no PIBID-Ciências Sociais. Para darmos início as conversas do grupo, o coordenador sugeriu a leitura de um texto clássico de Florestan Fernandes⁶, feito em conjunto com um dos pibidianos. O que poderia ser apenas uma apresentação de teoria, se tornou um momento para reflexão, não somente das falas do autor, mas como suas expressões ainda se incidem, no momento atual, do ser Cientista Social. Diante do que fora debatido, decidimos que na próxima reunião poderíamos falar sobre o ensino de Sociologia, sua história e as angústias docentes. Já que naquele momento uma supervisora e um supervisor não sabiam ao certo como seriam suas aulas de Sociologia, pois os colégios em que faziam parte estava passando por um processo, no Estado do Paraná, chamado de “Escola Parceira”⁷.

Naquele momento sugeri um texto que havia escrito há algum tempo como um incentivo inicial para a discussão. Confesso, que expor uma escrita minha trouxe um pouco de receio, seria o texto bom? Ser coordenadora voluntária também perpassaria pelos nossos

⁶ FERNANDES, F. A Sociologia como afirmação / Revista Brasileira De Sociologia - RBS, 9(21), 2021, p.260–293. Disponível em:

<https://rbs.sbsociologia.com.br/index.php/rbs/article/view/rbs.818>. Acesso em 10 out.2025.

⁷ Segundo o site governamental: “O Governo do Paraná, por meio da Secretaria de Estado da Educação (Seed-PR), está lançando o projeto "Parceiro da Escola" a partir de 2025. Esta iniciativa visa otimizar a gestão administrativa e de infraestrutura das escolas através de parcerias com instituições especializadas em gestão educacional. O objetivo é permitir que diretores e gestores se concentrem mais na qualidade educacional, desenvolvendo metodologias pedagógicas, treinando professores e acompanhando o progresso dos alunos” Disponível em: <https://www.parana.pr.gov.br/parceiro-da-escola>. Acesso em: 10 out.2025.





textos, para além do diálogo? Me lembrei então de bell hooks (2017, p. 35) quando a autora afirma que: “ É produtivo, muitas vezes, que os professores sejam os primeiros a correr riscos, ligando as narrativas confessionais às discussões acadêmicas para mostrar de que modo a experiência pode iluminar e ampliar nossa compreensão do material acadêmico”. Mesmo com medo, expus o texto e com a colaboração de uma pibidiana e um pibidiano a conversa ocorreu de forma agradável e politizada, afinal se tornar docente é também debater sobre o fazer política dentro e fora da sala de aula.

No terceiro, a coordenadora do PIBID-Ciências Sociais propões um momento para pensarmos sobre o fazer sociologia e a autoficção⁸, na junção, sempre bem-vinda entre a Sociologia e a Literatura foi possível exercitar a Imaginação Sociológica⁹ e a própria compreensão de si mesmo. Entre as falas e escutas daquele momento ficou acordado de fazermos uma autoficção sobre nós mesmos e a relação com a vida escolar. Como o calendário acadêmico sendo finalizado, no mês de fevereiro as atividades sobre direcionadas a escrita da autoficção e a escolha de uma camiseta para o grupo, ali surgia uma relação coletiva que já contava como grupo de whatsapp, página no Instagram e contatos para além apenas dos encontros formais.

O retorno das atividades no mês de março, começou a me dar a dimensão de que ser coordenadora voluntária demandaria um envolvimento que muitas vezes a sala de aula não permite. Em A terra dá, a terra quer, Antônio Bispo dos Santos, Nego Bispo, nos ensina a trocar a palavra desenvolvimento por envolvimento com o objetivo de nos conectarmos mais uns com os outros, em confluência: “Quando a gente confluência, a gente deixa de ser a gente, a gente passa a ser outra gente, a gente rende” (Bispo do Santos, 2023, p. 25). As aulas escolares já haviam começados foi a hora então de visitarmos os colégios escolhidos, conversar com docentes, coordenadoras pedagógicas, equipe diretiva¹⁰.

As idas e as observações sobre as escolas suscitaram novos debates nos encontros seguintes, isso devido ao fato de cada uma delas possuía uma gestão administrativa de uma forma e as impressões se diferenciavam, assim passei não apenas pensar sobre ações e a atividades a serem realizadas, mas também sobre os ataques sofridos pelo governo do Estado do Paraná, a plataformização e o que seria ensinar Sociologia em tempos assim?

Nos meses de abril e maio, nossas reuniões se guiaram por três caminhos, o compartilhamento das primeiras impressões estruturais e do cotidiano escolar, a escuta das

⁸ EDOUARD, L. Mudar: Método. São Paulo: Todavia, 2024.

⁹ MILL, W. A imaginação Sociológica. Rio de Janeiro. Editora Zahar, 1969.

¹⁰ Sobre esses relatos indicamos a leitura do texto: Santos, R.; Bueno, Z.; Carniel, F. PIBID: UMA POLÍTICA PÚBLICA DE RESISTÊNCIA. 2025. Disponível em: <https://mail.editorarealize.com.br/artigo/visualizar/122111> Acesso em: 25 set.25.





autoficção que se traduziram em momentos íntimos e muito emocionantes, que permitiu não apenas nos conhecermos mais, como também compreender o outro e o desenvolvimento de uma atividade realizada a partir de “Cartas Enigmas”, um jogo didático, proposto por uma das alunas voluntárias que possui um projeto para o Ensino de Sociologia, no Programa Institucional de Bolsas de Iniciação em Desenvolvimento Tecnológico e Inovação – PIBITI/UEM.

As “Cartas Enigmas” foram inseridas nas aulas e cada supervisora e o supervisor as direcionaram para uma prática pedagógica, seja para compreensão dos autores clássicos, como de uma temática trabalhada em sala, em forma de quiz e também utilizada para o estudo coletivo. As cartinhas, como chamamos carinhosamente, foram criadas durante os encontros, debatidas, repensadas e marcaram uma troca instigante, colaborativa e divertida e se enquadra naquilo que Campoy (2021, p. 01) intitula como “ensinar sociologia fazendo sociologia”.

Em junho e julho fizemos outras leituras, Campoy (2021); Nogueira; Catani (2007); Tardif (2008), ao mesmo tempo que continuávamos a debater as cartinhas, a escutar as emocionantes autoficção. Para nos despedirmos do primeiro semestre fizemos um Arraiá Julino, com comes e bebes, camisas xadrez e laços de fita. Nosso encerramento culminou com a ida do coordenador e das coordenadoras para a SBS e o ENESEB/2025 e cuja apresentações não fugiram da temática PIBID-Ciências Sociais, as demandas, os desafios e as alegrias.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

*“Com a chave na mão
quer abrir a porta,
não existe porta;
quer morrer no mar,
mas o mar secou”...*

Carlos Drummond de Andrade,
José, 1942.

A suposta solidão, desconfiança e o medo em me tornar uma coordenadora voluntária do PIBID–Ciências Sociais/UEM deram lugar à descoberta de um novo tipo de aprendizagem, não apenas aquela do aprender fazendo, mas também a de compreender o lugar de onde nasce esse fazer, com todas as suas influências, inspirações e improvisações, possíveis ao integrar uma comunidade de prática. Essa comunidade é composta por atrizes e atores diversos, por interações e relações sociais contínuas, nas quais o protagonismo não se concentra em uma única pessoa, mas se manifesta na ação conjunta, construtiva, questionadora e inventiva de todas/os.





Santos, Bueno e Carniel (2025) defendem o uso de metodologias criativas para o ensino de Sociologia, que, segundo elas/e, se ancora no exercício da imaginação, nas trocas e na mistura de linguagens, sejam elas artísticas, comunicacionais ou digitais, realizadas em movimentos e realidades singulares que permitem à criatividade integrar o processo de aprendizagem. Esse tipo de metodologia tende a contribuir para que a participação periférica legitimada se concretize no contexto do PIBID, por meio de diferentes situações de aprendizagem, nas quais as intenções e a intuição se combinam, fazendo emergir novas propostas, olhares e necessidades educacionais.

As relações sociais, os saberes e conhecimentos compartilhados ao longo dos últimos meses, entre reuniões, rodas de conversas, inserção nas escolas, atuações docentes tem me permitido repensar não somente como ser uma coordenadora, mas também como o aprender se faz a partir de interações que vão descortinando e reafirmando que o processo de aprendizagem entendido a partir de uma situacionalidade, revela que tudo ainda está em desenvolvimento e nos toca ao longo de um processo compartilhado. Os relatos de autoficção ainda ecoam em algumas falas, as cartas enigmas aparecem em diferentes atividades, as leituras surgem nas falas e na forma como se escolhe pensar e atuar na educação.

Ao se propor uma estrutura flexível, pautada em uma aprendizagem situada, não se nega a necessidade de preparo e de definição das ações no PIBID–Ciências Sociais. Pelo contrário, a rigidez, o que é fixo e imutável, dá lugar a uma dinâmica de trocas entre as/os participantes, baseada em uma realidade que se alimenta da teoria existente, mas que também se propõe a criar novas possibilidades, a experimentar outras ações, olhares, escutas e formas de fazer o ensino de Sociologia.

REFERÊNCIAS

BISPO DOS SANTOS, A. A terra dá, a terra quer. São Paulo: Ubu **Editora/PISEAGRAMA**, 2023.

CAMPOY, L. C. Ensinar Sociologia fazendo Sociologia: memórias e notas de uma pessoa que aprende, ensina e ensina a ensinar Ciências Sociais. Revista Eletrônica: **LENPES-PIBID DE CIÊNCIAS SOCIAIS – UEL**. ed. n. 11, vol. 1, 2021. Disponível em: <https://www.uel.br/revistas/lenpes-pibid/> Acesso em: 01 out.2025.

DURHAM, E. A reconstituição da realidade. São Paulo: **Ática**, 1978.

DRUMMOND, C.A. E, Agora José? 1942. Disponível em: <https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/files/2016/09/JOS%C3%89.pdf>. Acesso em 10 out.2025.





DRUMMOND, C.A. Mãos dadas. 1940. Disponível em:
<https://wp.ufpel.edu.br/aulusmm/2016/08/21/maos-dadas-carlos-drummond-de-andrade/>
Acesso em: 10 out.2025.

X Encontro Nacional das Licenciaturas
IX Seminário Nacional do PIBID

EDOUCARD, L. Mudar: Método. São Paulo: **Todavia**, 2024.

FREIRA, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: **Paz e Terra**, 2017.

GOMES, A.M.R. et al. Aprendizagem na/da etnografia: reflexões conceitual-metodológicas a partir de dois casos bem brasileiros. **Rev. FAEEBA** - Ed. e Comp., Salvador, v.28, n. 56, 2019.

HOOKE, b. Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade. São Paulo: **Editora WMF Martins Fontes**, 2017.

LAVE, J.; WENGER, E. Aprendizagem situada: participação periférica legitimada. Belo Horizonte: **Editora UFMG**, 2022.

MASSCHELEIN, I. E-ducando o olhar: a necessidade de uma pedagogia pobre. **Educação e realidade**, Porto Alegre, v. 33, n. 1, 2008.

NOGUEIRA, M.A.; CATANI, A. Escritos de Educação. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2007.

TARDIF, M. O trabalho docente: elementos para uma teoria da docência como profissão de interações humanas. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 2008.

MILL, W. A imaginação Sociológica. Rio de Janeiro. **Editora Zahar**, 1969.

